

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTICA**

ÉRICA MARGAS CIMA

**PEDAGOGIA INACIANA E PRESSUPOSTOS DO PEC: REFLEXÕES SOBRE A
PRÁTICA DOCENTE EM HISTÓRIA**

CURITIBA

2021

ÉRICA MARGAS CIMA

**PEDAGOGIA INACIANA E PRESSUPOSTOS DO PEC: REFLEXÕES SOBRE A
PRÁTICA DOCENTE EM HISTÓRIA**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação, pelo Curso de Especialização em Educação Jesuítica da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador: Prof., Dr. Adilson Felicio Feiler

CURITIBA

2021

PEDAGOGIA INACIANA E PRESSUPOSTOS DO PEC: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM HISTÓRIA

Érica Margas Cima

Resumo: Neste artigo, o objetivo é perceber de que modo os educadores do componente de História atuantes no Ensino Fundamental II e Médio do Colégio Nossa Senhora Medianeira, situado na cidade de Curitiba/PR, relacionam o PEC e a Pedagogia Inaciana na prática docente. Esta reflexão é resultado da pesquisa de Pós-graduação em Educação Jesuítica. A abordagem é qualitativa, para a coleta de dados, foi aplicado um questionário dividido em duas categorias de análise. Visando a criticidade e a formação de estudantes agentes na sociedade, se percebem a pressão mercadológica tendendo para o extremo oposto de suas práticas; e por fim, a tentativa de elencar estratégias que culminem no fazer educação dentro da proposta inaciana, tendo as análises referenciadas na Pedagogia Inaciana e nos pressupostos do PEC. O trabalho versa com uma breve análise dos Jesuítas no campo da educação no Brasil, a posteriori, uma apreciação dos documentos norteadores para a prática na instituição. Ao final do trabalho, é possível notar a compreensão dos(as) educadores(as) no que se refere a prática e a preocupação na formação de indivíduos críticos, voltados para os demais, atuantes numa sociedade mais justa e igualitária, característica da educação jesuíta.

Palavras-chave: ensino de história, educação jesuítica, contexto.

Abstract: The aim of this paper is to understand how the Middle and High School History Educators in Nossa Senhora Medianeira School, in Curitiba City, Paraná, connect PEC and Ignatian Pedagogy to their teaching practices. This reflection is a result of a postgraduate research in Jesuit Education. Anchored in qualitative approach, for collecting data it was applied a survey divided into two analysis categories. The educators aim develop critically students and committed to become agents of society, meanwhile, it is perceptible the interference of the market lobbying in their teaching practices. Lastly, in this paper it is exhibited an attempt to rise up strategies that could reach educational practices according to a Ignatian purpose stem from Ignatian Pedagogy and PEC. This research expatiate on a brief analysis of Jesuits historical educational field in Brazil, afterward it is presented na evaluation the practices' guiding documents in the institution. In the end of this paper, it is possible to notice the educators' perception of their teaching practices and how they concern and seek in develop critical individuals, engaged to others, and actors in and for a fair and equal society: two characteristics of the Jesuit Education.

Key words: History Teaching; Jesuit Education; Context

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo percibir de qué manera los educadores de la asignatura de Historia actuantes en el Ensino Fundamental II y Médio del Colégio Nossa Senhora Medianeira, localizado en la ciudad de Curitiba/PR, relacionan el PEC y la Pedagogía Inaciana en la práctica docente. Esta reflexión

resulta de la investigación del Postgrado en Educación Jesuítica. El abordaje es cualitativo, para la elección de datos fue aplicado una encuesta dividida en dos categorías de análisis. Con vistas a la criticidad y la formación de estudiantes actuantes en la sociedad, se perciben la presión mercadológica tendiendo al extremo opuesto de sus prácticas; y finalmente, el intento de enumerar estrategias que culminen en el hacer educación dentro de la propuesta Ignaciana, teniendo los análisis referenciados en la Pedagogía Ignaciana y en los presupuestos del PEC. El trabajo versa con un breve análisis de los Jesuitas en el campo de la educación en Brasil, a posteriori, una apreciación de los documentos orientadores para la práctica en la institución. Al fin del trabajo, es posible percibir la comprensión de los(as) educadores(as) en lo que se refiere a la práctica y la preocupación en la formación de individuos críticos, con la mirada vuelta a los demás, actuantes en una sociedad más justa e igualitaria, característica de la educación jesuita.

Palabras Clave: Enseñanza de Historia, Educación Jesuita, Contexto.

1 INTRODUÇÃO

O aumento significativo na competitividade entre as escolas particulares e a não aceitação da maioria das famílias em aprender e acolher o que as instituições trazem de diferente, faz com que muitas acabem procurando por instituições que mais compactuam com seus ideais políticos, sociais e religiosos. É de suma importância encontrar meios em que o componente de História desenvolva a criticidade dos estudantes, voltando-se para o bem comum e para a justiça socioambiental, sem temer a pressão do mercado e as ideologias presentes no contexto social e político de nossa sociedade. Isso será possível conhecendo as realidades dos educadores em sala de aula, frente a pressão da sociedade em sua práxis.

Vivemos tempos em que a manipulação das informações, o questionamento sobre o conhecimento científico com opiniões pessoais, a não abertura para aceitar o que é diferente gerando falta de discussões saudáveis em ambientes democráticos, só serão sanados a partir da aceitação por parte da sociedade de uma educação de qualidade. A libertação do senso comum se faz cada vez mais necessária na contemporaneidade, a leitura de autores, pensadores críticos nos trazem luz frente a cegueira da ignorância.

Estou de acordo com Boa Ventura de Souza Santos¹ (2010) quando ele nos propõe que todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum. Ele

¹ SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. Porto: Edições Aforamento, 2010. Pg.57

defende a ideia de ciência na pós-modernidade que valoriza e reconhece que o conhecimento não precisa ser institucionalizado:

'A ciência pós-moderna, ao sensocomunizar-se, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, mas entende que, tal como o conhecimento se deve traduzir em autoconhecimento, o desenvolvimento tecnológico deve traduzir-se em sabedoria de vida'

No entanto, é o conhecimento que se tornou comum por estar difundido na sociedade, não é o senso sem conhecimento, mas a ciência tornando-se comum e acessível, não apenas nas academias ou nas instituições de ensino. Não o senso comum baseado na falta de informação ou na não aceitação do que é diferente de mim ou do que penso.

O atual contexto na educação devido a pandemia (ensino híbrido ou modelo remoto), permite que muitas famílias tenham influência na prática pedagógica dos educadores, seja no ensino público ou particular, muitas passaram a assistir as aulas, o que acentuou a “participação” dos familiares nos momentos de formação. Acentuou também a interferência dessas no fazer educação. Aponte-se: **em nenhum momento a instituição familiar é descartada no processo do fazer educação, toda comunidade educativa compreende a importância do âmbito doméstico na rotina dos estudantes.** No entanto, se não é ensinado em sala de aula a forma como se pensa em casa, muitas famílias tendem a não fazer o exercício de reflexão, menosprezando a visão trazida pelo educador como contraponto embasado num método historiográfico, mas compreende como uma opinião, e, deste modo, vê-se a tentativa de doutrinar o estudante. Rejeitar formas distintas de pensar causa desmoralização e negacionismo frente aos acontecimentos históricos que possuem relações diretas com o contexto social.

Sabe-se da necessidade da família no contexto educacional dos estudantes, no entanto, sabe-se que as escolas foram criadas para desenvolver indivíduos autônomos e pensantes, e, de modo geral, o componente de História é um dos responsáveis em conjunto com as Ciências Humanas pela quebra de paradigmas existentes na sociedade, mediante isso, a quebra de estereótipos por vezes existentes em muitos seios familiares. Essas quebras são necessárias para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e que vê em todo ser humano a necessidade de acolhida e preservação de seus direitos. A História bem como as Ciências Humanas, permite que o estudante desenvolva uma aprendizagem livre, pensada por si, refletida por si.

Sabemos que essa liberdade de pensamento, as vezes só existe através da quebra de preconceitos estabelecidos na sociedade ou no núcleo familiar. A necessidade dessas quebras está prevista no documento Características da Educação na Companhia de Jesus:

‘A verdadeira liberdade exige também um conhecimento realista das diversas forças presentes no mundo e inclui a libertação de percepções distorcidas da realidade, dos falsos valores, das atitudes rígidas e da sujeição de ideologias estreitas’²

Para saber se, e como, essa educação voltada para a liberdade do indivíduo e para o desenvolvimento de sua criticidade está acontecendo, irei me ater na elaboração deste trabalho em algumas concepções centrais que serão a espinha dorsal da pesquisa e análise: História, Educação, Pedagogia Inaciana e Contexto.

Na concepção de História defendida por Marc Bloch³, em que a História é filha de seu tempo, os resultados de análise histórica sobre um mesmo fato podem ser distintos, pois eles responderão as perguntas e as exigências de acordo com quem indaga os materiais (fontes). Nisto, vemos uma problemática de nossa sociedade, acredita-se que a História é imutável, diante disso, a visão acerca do ensino de História é: O passado não muda, logo, meu filho ou minha filha não poderá aprender nada de diferente do que eu aprendi enquanto estudava. E nisso temos um problema, pois a história que se ensinava, e que se ensinou por muito tempo no Brasil foi o que Friedrich Nietzsche (2003) denominou como história monumental, neste modelo:

‘[...] a história monumental não precisará utilizar aquela plena veracidade: ela sempre aproximará o desigual, generalizando-o e, por fim, equiparando-o; ela sempre enfraquecerá novamente a diversidade dos motivos ensejos a fim de apresentar o *effectus* monumental como modelo e digno de admiração’.⁴

Atualmente a educação histórica tem por escopo a formação do pensamento conceitual e abstrato e da criticidade, pois segundo FREIRE⁵ “a educação não *vira* política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política”. E como toda ação é uma ação política, a educação deve almejar o desenvolvimento de indivíduos críticos e autônomos que lutem por uma sociedade de qualidade para todos.

² Características da Educação na Companhia de Jesus. 1986 p. 13

³ BLOCH, Marc Leopold Benjami, “**Apologia da História, ou, O ofício do Historiador**” Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

⁴ NIETZSCHE, F. **Segunda Consideração Intempestiva.**: Da utilidade e desvantagem da História para a Vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. Pg.17

⁵ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011. Pg.108.

“Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado, é portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana”.⁶

Sendo a História filha de seu tempo, respondendo indagações atuais, sendo analisada, criticada e sondada por consciências diferentes de vinte ou trinta anos atrás, é de uma lógica bem simplista que as análises e novas percepções frente aos acontecimentos históricos ocorram. Provavelmente você tenha aprendido sobre o processo de colonização dos europeus no continente americano como sendo um “processo civilizatório”. Sabemos que esse termo é fantasioso e derivado do eurocentrismo, conceito que banhou por muito tempo as bibliotecas e estudos referentes ao nosso continente, nossos povos originários e, por conseguinte toda a construção do nosso processo histórico.

Quando essa análise diferente do que se aprendeu é trazida na escola, encara-se de modo geral como doutrinação e não como evolução da ciência histórica. Até porque, a memória sendo mutável⁷, tende-se a achar que antigo é sempre melhor, acha-se que mudanças são perigosas. Podemos associar esse tipo de comportamento com o que NIETZSCHE (2003) chama de o homem/mulher que se apegam a sua origem e se vêem na crença de que sua pessoa, suas memórias, sua essência está no que é passado, pauta-se no que ele chama de história antiquária, o que é antigo é melhor do que temos hoje, mediante isso, as mudanças não são bem-vistas, o passado não deve ser mudado e nem a forma como se encara ele.

‘Aqui se está sempre bem próximo de um perigo: enfim, tudo torna-se antigo e passado, mas continua no interior do campo de visão, é assumido por fim como igualmente venerável, enquanto tudo o que não vem ao encontro deste antigo com veneração, ou seja, o que é novo e o que devém, é recusado e hostilizado’⁸.

As Ciências Humanas, mas especificadamente a Ciência Histórica é relativamente nova, digo, sua aceitação enquanto ciência com métodos científicos e embasados. Volto a utilizar Santos⁹, que nos remete a compreender que até o fim do século XX tínhamos o que é chamado de Paradigma Dominante no que se

⁶ HOBBSBAWN, Eric J. Sobre história. Tradução Cid Knipel Moreira – São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Pg. 22.

⁷ LE GOFF J. Memória-História. Enciclopédia Einaudi. Vol. I Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1984.

⁸ NIETZSCHE, F. Segunda Consideração Intempestiva.: Da utilidade e desvantagem da História para a Vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. Pg.22

⁹ SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. Porto: Edições Aforamento, 2010.

compreende por ciência, neste caso, compreende-se como ciência apenas as ciências naturais, após esse período, esse paradigma é questionado, inclusive, é questionado pelas ciências humanas e sociais que, ao trazerem luz à diferença, passam a ser chamadas de paradigmas emergentes. Mediante a essa recém (final do século XX – início do XXI) compreensão e/ou aceitação ou processo de aceitação das Ciências Humanas enquanto ciência, podemos observar a permanência no processo de compreensão da mutabilidade nos resultados das análises frente aos documentos históricos.

A análise voltada para o tempo presente e diferente de como era repassada ou ensinada nas escolas visa desenvolver estudantes que estejam voltados para as necessidades da contemporaneidade. O cuidado e a preocupação com o desenvolvimento do indivíduo crítico e que tenha consciência humana frente a sociedade são encontrados dentro da concepção de Educação na Companhia de Jesus¹⁰, onde pauta-se uma educação voltada para a liberdade do indivíduo nos valores cristãos. A educação na Companhia de Jesus, visa desenvolver indivíduos pensantes, não em causa própria, mas indivíduos que sejam atuantes para o desenvolvimento da sociedade de Bem Comum.

‘A educação jesuíta tenta desenvolver nos alunos a capacidade de conhecer a realidade e avaliá-la criticamente. Esta consciência inclui a noção de que as pessoas e as estruturas podem mudar, juntamente com um compromisso de trabalhar por essas mudanças, de modo que se construam estruturas humanas mais justas, que possibilitem o exercício da liberdade unido a uma maior dignidade humana para todo’.

Deste modo, não é possível trabalhar com uma concepção de História estática, onde não haja indagações propositais para problematizar o tempo presente. A compreensão da sociedade em que se está inserido, não faz com que a aceite sem indagações, o currículo precisa promover uma análise sobre a realidade “(...) a análise da sociedade dentro do currículo torna-se uma reflexão baseada no contato direto com dimensões estruturais de injustiça”¹¹

A necessidade de analisar a sociedade se faz presente na Pedagogia Inaciana a qual é tem seus pilares no contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação¹². Ela

¹⁰ Característica da Educação na Companhia de Jesus-1986, p.14.

¹¹ Idem pg.19.

¹² PEDAGOGIA INACIANA: UMA PROPOSTA PRÁTICA. 7. Ed. São Paulo: Loyola, 2009

jaz na formação integral¹³ do estudante e dentro das instituições jesuítas deve ser preservada a formação da excelência humana e acadêmica. No entanto, como essa excelência humana e acadêmica é passada em sala de aula mediante as pressões do mercado?

Pretendi formular esse material para que sirva de consulta a outros educadores, para que possamos contribuir na formação integral de nossos estudantes. Optei por trabalhar com esse tema, pois não me parece cabível estarmos imersos numa sociedade que não compreenda a História enquanto ciência, e, que devido a isso pressione os educadores com o cansativo julgamento de doutrinação ideológica, e, devido à pressão mercadológica/social que também será abordada no texto, educadores acabem por ceder.

Considero que perderia credibilidade e legitimidade na prática pedagógica, se apenas palpitasse o que poderia ser feito com os estudantes, sem aprofundar este conhecimento e de forma experimental ou por tentativa-erro. Se, como educadora, estou disposta a interferir no desenvolvimento cognitivo, julgo que o primeiro passo é qualificar nossa própria formação, auxiliando os professores que, como eu, tem a História por métier. Para tal propósito, este trabalho buscou alguns objetivos como: Relacionar o PEC e a Pedagogia Inaciana na prática docente do componente de História, visando a criticidade e a formação de estudantes agentes na sociedade, compreendendo que a pressão mercadológica tende para o extremo oposto; desenvolver estratégias que culminem na Práxis do educador em sala de aula, tendo como referência o PPP da Instituição, Pedagogia Inaciana e PEC;

O contexto no qual esta pesquisa se insere foi abordado no capítulo inicial (Capítulo I – Contexto e Metodologia) que especifica a metodologia utilizada, ou seja, a forma pela qual a pesquisa foi desenvolvida. No próximo capítulo (Capítulo II – Análise de resultados no que se refere aos aspectos da Pedagogia Inaciana e do PEC na Prática Docente em História) foi dedicado à análise dos resultados referentes ao ensino de História pautados na Pedagogia Inaciana. Depois de apresentar as estratégias reveladas pelos professores que participaram da pesquisa, o próximo capítulo (Capítulo III – A prática do componente de história com as pressões externas.) versa sobre a influência das pressões sociais e ideológica ou de mercado presentes em nossa sociedade dentro do ensino de História.

¹³ Entende-se por formação Integral: "(...) fortalecimento das dimensões afetiva, espiritual, ética, comunicativa e sociopolítica através de uma experiência profunda de Deus, iluminada pelo modo de proceder inaciano". Fonte: jesuitasbrasil.com – Acesso em 28/04 às 14:25.

Ao fim do artigo, são sugeridas, a partir dos resultados da pesquisa, estratégias que permitam a vinculação dos documentos norteadores da Companhia de Jesus no ensino de História frente as pressões ideológicas e de mercado.

CAPÍTULO I - CONTEXTO E METODOLOGIA.

I.1 Jesuítas na educação.

‘Inácio nos lembra de que o dom de Deus da liberdade aos homens e às mulheres é seu dom por excelência. O maior risco de Deus estava em dar-nos esse dom, pois poderíamos dar as costas e dizer “Não” a Ele. Por isso, na educação jesuítica vemos a importância da educação contra a doutrinação. Realmente vemos a educação como um processo de libertação, no qual é crítica a compreensão dos princípios dominantes. A compreensão dos valores é muito importante, justamente no fato de que os jovens à medida que crescem amadurecem e se tornam capazes de emitir juízos, possam ser realmente livres e não vítimas da doutrinação, seja do Estado ou de grupos oriundos dele, ou de cultos, ou de onde for. De modo que se torna criticamente importante para a educação jesuítica seja na verdade um processo, em primeira instância da realidade e seus usos possíveis, da consideração séria das alternativas e de sua consequência’.

Pe. Vincent Domenico SJ¹⁴.

A citação acima está no livro em comemoração dos Dez Anos do lançamento do documento “Características da Educação na Companhia de Jesus” publicado no ano de 1986. No entanto, para chegar na elaboração deste material, a Companhia desenvolveu-se e reinventou-se muitas vezes com o objetivo de estar na vanguarda da educação.

Os jesuítas ingressam na educação no período da Contrarreforma¹⁵, a partir do Concílio de Trento¹⁶ elegem o ensino como um dos meios mais eficazes para a

¹⁴ VÁSQUEZ TÁPIA, Alberto (Org). Dez anos das Características da Educação Jesuíta. São Leopoldo: UNISINOS, 1998.

¹⁵ Movimento criado pela Igreja Católica no ano de 1545.

¹⁶ Ao longo da história, diversos concílios aconteceram, e o Concílio de Trento foi convocado pelo papa Paulo III, sendo que seus encontros aconteceram em **1545-1547**, depois **1551-1552** e, por fim, em **1562-1563**. Ao longo dessas sessões que se estenderam por 18 anos, uma série de decisões foram tomadas, sendo que algumas delas reforçavam princípios e práticas do catolicismo e outras tentavam estabelecer formas de fortalecer-se o **combate à heresia**. Fonte: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/contra-reforma.htm>

evangelização. A História dos Jesuítas na educação tem início com a administração de um colégio na Índia em Goa no ano de 1544¹⁷.

A educação jesuíta está presente no Brasil desde ano de 1549, quando foi desembarcado o primeiro grupo de Jesuítas, na liderança de Pe. Manoel da Nobrega. Desde então, houve evoluções constantes no fazer educação, na produção de documentos preocupados com o desenvolvimento dos indivíduos que se busca formar, da *Ratio Studiorum* (1599) ao PEC (2021). No caminhar, encontraram divergências, como a causada por Marquês de Pombal que determinou a expulsão dos jesuítas no ano de 1759, estes, retornaram ao Brasil somente oitenta e dois anos após a expulsão, em 1841, continuando assim, a missão de fazer educação no território brasileiro.

Como metodologia inicial, utilizavam a *Ratio Studiorum* lançada no ano de 1599, nela, está detalhado o modelo de ensino adotado no período pelos jesuítas, tinha como referencial o modelo essencialista escolástico de ser humano (GUIDINI, 2017)¹⁸.

Segundo GUIDINI, a metodologia utilizada neste documento epistemológico no que se referia o processo de ensino na educação para os Jesuítas, era dividida em três momentos principais. No primeiro, o professor (aquele que detinha todo o conhecimento) fala com ordenamento e precisão o que o aluno precisa APRENDER. No segundo momento, o aluno é convidado a fazer sua produção escrita, mesmo sendo uma produção individual, o professor está a todo momento atuando no processo do estudante, não permitindo que ele tenha um desenvolvimento no que confere a sua autonomia no processo de ensino. Neste modelo, a produção/ autonomia do estudante é anulada pelo desejo/ ânsia de produzir exatamente de acordo com o que o professor compreende como correto. E por último, os melhores trabalhos, aqueles que mais atendem aos anseios/critérios do professor sem necessariamente levar em conta a subjetividade do estudante são exibidos.

Percebemos que num primeiro momento a educação e o ensino eram engessados, tendo na figura do professor e não do estudante o foco, a educação era voltada para atender as necessidades e expectativas sociais da época.

¹⁷ No entanto esse colégio não prospera, sendo o primeiro, oficialmente documentado, de Messina – 1548.

¹⁸ GUIDINI, F. Educação jesuíta e teoria da complexidade: relações e práticas na formação de professores. 1ª. Ed. C: APPRIS, 2017. V. 1. 201p.

As produções eram feitas de acordo com o que o professor exigia, o aluno era um receptáculo, fazendo o processo de aprendizagem em mão única, sendo do professor para o aluno. No que confere ao método, não se percebe o cuidado nem com estratégias diversificadas e nem metodologias diferentes de ensino. A repetição de métodos (fala precisa do professor/ produção escrita do aluno/ exibição dos trabalhos) e o engessamento no modus operante de lecionar fazia com que se o aluno tivesse outra qualidade, que não a de interpretar e escrever, provavelmente não seria reconhecido e não teria o seu trabalho exposto. No entanto, é importante evitar anacronismos, atualmente nos debruçamos numa educação onde a centralidade do estudante é tida como o foco do processo, mas isso não significa que o modus operante que existia no passado não era o mais bem desenvolvido até então.

Algo que é conferido aos jesuítas é o não medo da mudança e de buscar a constante melhora, e, isso é visto na história da instituição no que confere a educação. No ano de 1832 tenta-se uma nova versão da *Ratio*, nesta, é permitida uma maior mobilidade nos métodos de ensino nas instituições, pois percebia-se a necessidade de levar em conta as diferentes realidades das regiões onde os jesuítas estavam presentes. No entanto, essa nova versão não chegou a ser sancionada, o que não significou o fim do anseio de desenvolver métodos de ensino levando em conta a singularidade das comunidades onde as escolas estavam inseridas. Compreendia-se que um mesmo modelo não cabia para uma instituição tão grande e que atuava em locais tão variados¹⁹.

Tendo em mente a necessidade de mudança e de flexibilidade na práxis, os colégios jesuítas na 25ª Congregação Geral ocorrida no ano de 1906, promulgam que cada unidade administrativa (províncias) possuísse seu próprio plano de estudo.²⁰ Nesse anseio, por desenvolvimento e preocupação do fazer uma educação de qualidade e voltada para a formação do sujeito aberto aos demais, Pe. Arrupe no ano de 1981, publica o documento “Nosso Colégio Hoje e Amanhã” onde, a partir deste, os não jesuítas passam a ser aceitos para trabalharem nas instituições jesuítas de ensino. Arrupe, implanta nos colégios a atual perspectiva de educação. Homens e mulheres para os demais. ²¹ “O aluno se tornou a meta da ação educativa do ideal formativo”²²

¹⁹ Presente nos continentes: América do Sul, Europa, África e Ásia.

²⁰ GUIDINI, F. Educação jesuítica e teoria da complexidade: relações e práticas na formação de professores. 1ª. Ed. C: APPRIS, 2017. V. 1. 201p. Pg.58

²¹ *Idem*.Pg.59

²² *Idem Ibidem*.

Atualmente, tendo como base todo desenvolvimento ao longo do processo histórico na área de educação e de documentos como o de Pe. Arrupe, os jesuítas também têm por escopo o documento: *As Características da Educação na Companhia de Jesus*, publicado no ano de 1986, nele, aparece além da perspectiva de sujeito que pretendemos formar, também a preocupação com o método avaliativo. No documento, a avaliação deve ser um método retroalimentado ao longo do processo, continua e que demonstre para o professor o desenvolvimento de ensino aprendizagem dos estudantes. O documento também pauta a necessidade da educação ser libertadora, contendo nela a interdisciplinaridade e a crítica. Segundo GUIDINI:

‘Sua aplicação é, portanto, prática em relação à atividade constante de professores e alunos. Em face dos diferentes conhecimentos torna-se também capaz de auxiliar o aluno na relação das matérias entre si, conjugando seu contexto de vida, experiência pessoal e posterior reflexão’²³

Complementando e ampliando o documento das *Características da Educação*²⁴, o lançamento em 1993 da *Pedagogia Inaciana: Uma proposta Prática*, levou em conta as diferentes configurações dos colégios jesuítas permitindo uma práxis mais flexível do modelo inaciano de ensino, tendo como bases os exercícios espirituais²⁵. Os Exercícios Espirituais na Pedagogia Inaciana dão luz a relação entre o professor e o aluno no processo da experiência da reflexão e da ação (Paradigma Pedagógico Inaciano-PPI).

Nos Exercícios Espirituais têm-se a dinâmica fundamental que é o convite contínuo a refletir “... a reflexão constitui o ponto central para Inácio, na passagem da experiência para a ação”²⁶. Mediante a isso, a educação libertadora almejada pela Educação Jesuítica será alcançada através da reflexão, pois ela é o centro entre a experiência e a ação, isso será conseguido pelo professor(a) quando ele possibilitar que o estudante saboreie o que lhe é passado.

O Paradigma Pedagógico Inaciano, tem como cerne cinco eixos centrais:

‘Tendo uma compreensão crítica do contexto no qual o ensino acontece;
Criando experiências que estimulem o intelecto e a imaginação do estudante;

²³*Ibidem*.Pg.62

²⁴ Comissão Internacional para o Apostolado da Educação da Companhia de Jesus - ICAJE (2019). *Colégios jesuítas: uma tradição viva no século XXI*. Roma, Itália. Pg22

²⁵ In: SANTO INÁCIO DE LOYOLA. *Escritos de Santo Inácio: Exercícios Espirituais*. Tradução R. Paiva.

²⁶ *Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática* (1993), São Paulo, Ed.Loyola.

Promovendo um hábito contínuo de reflexão para aprofundar qualquer experiência;
 Oferecendo oportunidades para colocar em prática valores e habilidades adquiridas, para que alguma transformação positiva aconteça com o estudante, no professor e no mundo. Esa ação é para estar a serviço do Evangelho, como afirma Santo Inácio: o amor consiste mais em obras do que em palavras;
 Envolvendo-se em avaliações enriquecedoras e multifacetadas do ensino e da aprendizagem, juntamente com a vontade de mudar e melhorar conforma for apropriado'.²⁷

Fazendo uma apreciação sobre as mudanças/evoluções no âmbito da educação dentro dos Colégios Jesuítas, podemos nos ater a análise realizada por GUIDINI na comparação do PPI com a *Ratio*. Aquele, descreve e preza pela estrutura de contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação estabelecendo entre o professor e o aluno o protagonismo do processo educativo, tendo no PPI uma pedagogia ativa, carregada no modo de ser humano numa perspectiva humanista, diferentemente da *Ratio* não tem como base o referencial essencialista escolásticos de ser humano, mas ao contrário, tem os referenciais nos escritos evangélicos, nos documentos conciliares²⁸ e nos escritos internos da Ordem.

'É aberto ao contexto sócio-histórico e às diversas experiências culturais, possibilitando a inter-relação de conhecimentos e experiências'²⁹

No âmbito nacional e levando em conta a subjetividade e singularidades da educação no Brasil, lança-se em 2015 o Projeto Educativo Comum (PEC) que visa nortear a educação brasileira com as necessidades da nação, o documento é válido por cinco anos sendo revisitado sempre, permitindo que a Educação Jesuíta no país se mantenha atual e atuante nas áreas necessárias para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e fraterna. Os pressupostos do PEC nos provocam e instigam a atuar em sala de aula em prol de um currículo evangelizador.

'O desafio de articular a fé, justiça e reconciliação nos leva a considerar, no espaço escolar, os temas referentes a gênero, diversidade sexual e religiosa, novos modelos de família e as questões étnico-raciais, elementos referentes a cultura indígena, africana e afro-brasileira e outros similares(...)'³⁰

²⁷ Comissão Internacional para o Apostolado da Educação da Companhia de Jesus - ICAJE (2019). Colégios jesuítas: uma tradição viva no século XXI. Roma, Itália. Pg24

²⁸ Desenvolvidos/ elaborados em Concílios.

²⁹ GUIDINI, F. Educação jesuíta e teoria da complexidade: relações e práticas na formação de professores. 1ª. Ed. C: APPRIS, 2017. V. 1. 201p.63

³⁰ PEC- Pressuposto 22.

I.II. Cenário da pesquisa e metodologia.

‘O Corona Vírus é um professor cruel porque ensina matando’ Boaventura

O cenário atual, pandêmico, fez com a casa de educadores e estudantes se tornassem a sala de aula. As câmeras passaram a filmar os cômodos, os familiares e até os ruídos dos vizinhos passaram a fazer parte do dia a dia da nova rotina. A privacidade deixou de ser saboreada neste universo de câmeras e microfones. Falta de privacidade sendo mais latente quando o modelo de ensino era o remoto (com 100% dos estudantes em casa) parecia que a economia (tendo o ensino como mercadoria) não estava acima da vida dos estudantes. Na verdade, não sei se isso realmente chegou a acontecer. No entanto, não é este o foco deste trabalho.

Quando o ensino passou a ser híbrido, dificultando ainda mais o desenvolvimento de estratégias, as casas dos educadores deixaram de ser o ambiente de lecionar, no entanto, as câmeras continuaram a ser ligadas e tudo o que se é falado ainda é gravado. Tudo bem, a gravação como instrumento de apoio para o estudante retomar algum conceito ou explicação que não ficou claro no momento da aula, até para aqueles que não puderam participar por questões pessoais. No entanto, quando se está atuando num componente onde o desenvolvimento crítico é base para o acréscimo do assunto, por vezes trabalhamos assuntos latentes na sociedade, neste caso, qualquer informação tida fora de contexto ou contrariando visões/ doutrinas que no âmbito familiar dos estudantes é visto como positivo pela família, (retomo aqui o conceito de Nietzsche sobre a história antiquária - o passado é sempre melhor que a atualidade), pode ser encarado como doutrinação e não como desenvolvimento crítico. A História contada nas salas de aulas no período da ditadura militar ainda reflete na sociedade atual, pois muitos dos pais que nos assistem hoje, foram alunos desse sistema que trazia fatos deturpados do próprio período e de outros.

‘o homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade, se não é auxiliado a tomar consciência da realidade e de sua própria capacidade de transformá-la’. (FREIRE 1980 p.40)

A educação deve ser libertadora, tendo o uso da educação e do professor como interlocutor de uma pedagogia que liberte, emancipe o sujeito das dominações, das alienações, e muitas vezes das percepções unilaterais defendidas nos âmbitos

familiares. Só é possível a compreensão de uma educação que fizesse do homem um ser cada vez mais consciente de seus direitos, que deve ser usada criticamente, ou com acento cada vez maior de racionalidade. (FREIRE, 1978).

A sala de aula por vezes traz memórias que foram esquecidas ou silenciadas à tona, mostrando aos alunos a importância destes resgates para conscientização do sujeito das dominações e ideologias impostas. O professor de História deve propiciar ao estudante, sua inserção na História, sendo capaz de transformar a realidade na qual está inserido.

Muitas vezes a forma como se é trabalhado em sala de aula, ou a estratégia utilizada pode não ser compreendida por parte das famílias, pois elas (muitas) não compreendem o fazer pedagógico e a importância de se trabalhar com determinados conteúdos. Para Santos (1996) aos conteúdos curriculares é possível dar sentidos inesgotáveis, por meio de emoções, sentimentos e paixões, podendo assim produzir imagens radicais que alimentem o inconformismo, perante o presente que se repete, repetindo as opções indesculpáveis do passado.

A educação tem como princípio o aprimoramento crítico de seus sujeitos, modificando a forma de pensar, agir e conviver. Tendo em vista a preocupação com a perspectiva educacional na área de História, surgiu a necessidade de realização da pesquisa desenvolvida para este artigo. Quanto os seus aspectos metodológicos, a pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, pois se deu a partir de questionário com questões abertas, que são passíveis de tratamento reflexivo de análise. O estudo é descritivo exploratório, pois visa conhecer e compreender o cenário no qual se situa o objeto de estudo.

A pesquisa contou com participantes de ambos os sexos, sem limite de idade, que atuam no Colégio Nossa Senhora Medianeira³¹; a definição da amostra teve como alvo professores que ministrem a matéria de História nas séries pertencentes ao Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Os dados foram coletados, deixando que os participantes tivessem o tempo necessário para preenchê-lo. A pesquisa se desenvolveu entre abril e julho de 2021 na cidade de Curitiba.

³¹ O Colégio Nossa Senhora Medianeira, situado na cidade de Curitiba, foi fundado no ano de 1957 pelo P. Oswald Gomes. Com mais de 60 anos de experiência é uma instituição que está sempre inovando e investindo no corpo docente. Agraciada pelo espaço físico com bosques, lagos e grande infraestrutura, convida-nos diariamente para a prática fora de sala com nossos estudantes, fazendo com que pensemos em estratégias diversificadas e que contemplem o todo.

O instrumento de pesquisa foi um questionário descritivo (APÊNDICE A), com 4 perguntas que tentaram tiveram como categorias de análise, nortear a relação do componente de História com as pressões externas, e como foram inseridos pelos educadores a Pedagogia Inaciana e os pressupostos do PEC em suas práxis.

Para avaliar a confiabilidade e validade da pesquisa, antes da aplicação do questionário foi feito um teste piloto. Também foi solicitada junto à direção do colégio participante a autorização de realização da pesquisa, bem como os professores participantes consentiram em respondê-la. Ademais, foi enfatizado que as informações seriam usadas apenas para fins de pesquisa e não serão fornecidas a terceiros.

Após colhidos, os dados foram distribuídos através de tabelas (APÊNDICE B), que seguiram orientação de duas categorias de análise: Nortear a relação do componente de História com as pressões externas, e, como foi inserido pelos educadores a Pedagogia Inaciana e os pressupostos do PEC na Práxis. Sendo as perguntas do questionário intencionalmente direcionadas, as respostas foram passíveis de agrupamento e tabulação, as mesmas encontram-se no formato *Ipsis Litteris*, permitindo análise posterior. Ao concluir, a análise e tabulação dos dados foram realizadas pelo método da estatística descritiva simples.

CAPÍTULO II - ANÁLISE DE RESULTADOS NO QUE SE REFERE AOS ASPECTOS DA PEDAGOGIA INACIANA E DO PEC NA PRÁTICA DOCENTE EM HISTÓRIA.

‘A proposta pedagógica dos colégios jesuítas está centrada na formação da pessoa toda e para toda a vida; trabalhamos para realizar uma aprendizagem integral que leve o aluno a participar e intervir autonomamente na sociedade: uma educação capaz de formar homens e mulheres conscientes, competentes, compassivos, comprometidos e criativos.’³²

Nos capítulos II e III, passaremos à análise dos quadros constituídos a partir das respostas dos questionários – Para análise do capítulo II, usaremos as questões 2 (dois) e 4 (quatro). Os(as) educadores(as) estarão identificados por letras do alfabeto (a, b, c, d) a mesma letra sempre será correspondida pelo mesmo(a)

³² PEC – Parágrafo 25 Pág. 37 – O termo “Criativo” foi adição minha, não consta no PEC, mas é trabalhado na formação integral do sujeito.

educador(a)³³, as respostas apresentadas ao longo do artigo são redigidas no formato *Ipsis Litteris* – Optei por transcrever as respostas dadas pelos professores, uma vez que as mesmas se tornaram mais detalhadas.

Pergunta 2 do questionário: “O desafio de articular a fé e justiça nos leva a considerar, no espaço escolar, os temas referentes a gênero, diversidade sexual e religiosa, novos modelos de família, questões étnico-raciais, elementos referentes às culturas indígena, africanas e afro-brasileiras no Brasil e todos os temas similares relacionados a categorias ou grupos que sofrem discriminação, violência e injustiça”.
PEC – pressuposto 22.

Ao lermos o pressuposto 22 do PEC percebemos que assuntos voltados para a dimensão política, econômica e social devem ser trabalhados, deste modo, acredita-se que o estudante tenha acesso a um “currículo evangelizador” preparando-o, assim, para se tornar autônomo socialmente, voltando-se para o bem-comum.

Você enquanto professor(a) deixou de trabalhar e/ou abordar nos últimos três anos algum tema ou temática que acha pertinente devido a receios ou pressões sociais de caráter ideológico?

Dentre as respostas obtidas, apenas um educador descreveu não deixar de trabalhar ou não sentir interferência das famílias no processo educativo, no entanto, descreve que existe uma necessidade em afluir com diversificados temas por trabalhar com o terceiro ano do Ensino Médio, deste modo, faz-se necessário a fim de preparar os estudantes para as demandas das avaliações externas.

Através das respostas obtidas pode-se observar que o atual contexto faz com que professores não atuem dentro de sala como gostariam, pois, em alguns casos acabou-se desenvolvendo uma “auto-sensura” referentes a temas que podem ser considerados polêmicos na contemporaneidade. Também foi relatado o fato de alguns temas que são necessários para a formação dos estudantes deixarem de ser discutidos como certa “ferramenta de preservação dos professores”³⁴, a diminuição de discussão acerca de assuntos que colaborariam para um currículo mais inclusivo por vezes também não é trabalhado pelos educadores, devido temor pré-existente.

Apenas um educador afirmou não deixar de trabalhar ou mudou a forma de condução referentes a conteúdos devido a receios ou pressões sociais de caráter ideológico. Segue respostas para conhecimento e análise:

³³ Ex: A letra (a) será referente ao mesmo educador nas quatro respostas.

³⁴Resposta do questionário.

a) “Não cheguei a deixar de trabalhar, porém, reduzi consideravelmente algumas das discussões que antes mobilizavam momentos significativos das aulas. Além das reações dos estudantes/famílias, me parece que a própria construção curricular (composta/influenciada pelo contexto sociopolítico) tende a minimizar o espaço de assuntos fundamentais para um currículo mais inclusivo – seguindo, sobretudo, a lógica de um currículo evangelizador.”

b) “Alguns dos temas, em momentos pontuais, sim. Em outros momentos os temas foram trabalhados de forma parcial. Todavia, também existiram situações em que os temas foram abertamente discutidos.”

c) “Um dos resultados do contexto político dos últimos anos foi a pressão de certos grupos da sociedade para que alguns conteúdos do currículo de História fossem vistos por grupos da sociedade como ‘negativos’, ‘ruins’ e ‘desnecessários’. Como consequência, infelizmente, os professores em certos momentos agiram com autocensura, querendo evitar conflitos com famílias e até mesmo a exposição de seu trabalho publicamente. Quase que de forma inconsciente, discussões necessárias ligadas ao trabalho, ao combate ao autoritarismo, a formação do pensamento político de esquerda, a inclusão de minorias e promoção da representatividade, foram suprimidos ou diminuídos, vistos sem amplas discussões, como ferramenta de preservação dos professores. Não tivemos censura institucionalizada, como nos anos 70 no Brasil, nem pressão da escola, porém o contexto agressivo fez com quem muito de nós passassem os últimos anos intimidados em sua ação escolar.”

d) “De forma nenhuma. Mesmo porque, lecionando no 3º ano do EM, preciso trabalhar conteúdos atuais, pois são assuntos recorrentes em vestibulares e no ENEM (bem, esse, nos últimos 2 anos ficou bem morno, no que se refere a esses

assuntos...). Também sempre deixei clara minha posição política, respeitando outras diferentes da minha. Mas procuro sempre abordar assuntos delicados, deixando claro que não podemos aceitar ou defender qualquer violação dos direitos humanos e do respeito ao próximo. Enfatizo também que determinados valores nos são muito caros e não podemos abrir mão dos mesmos.”

Compreender História não se resume apenas aos conceitos, mas também a questões que envolvem alteridade:

‘Um terceiro traço resulta da delimitação no interior do campo prático da esfera possível de comunicação: à noção de passado humano acrescenta-se, como obstáculo constitutivo, a ideia de *alteridade* ou de uma diferença *absoluta* que afeta nossa capacidade de comunicação. (RICOEUR, 2010, p.159-160)’

Por alteridade podemos definir a compreensão do “outro” para o qual também se identifica um “eu” a quem este “outro” servirá de antagonista.

‘A palavra alteridade possui o significado de se colocar no lugar do outro na relação interpessoal, com consideração, valorização, identificação. A prática da alteridade se conecta aos relacionamentos tanto entre indivíduos como entre grupos culturais, religiosos, científicos, étnicos etc.’. (SCHNEIDER, 2013)

O conceito de alteridade é essencial para a compreensão da História uma vez que esta disciplina trata de povos diferentes, dos conflitos gerados entre culturas distintas e da formação da identidade na qual um certo grupo se reconhece a partir de sua diferenciação dos outros. No entanto, essa ideia de respeito e compreensão do outro só será possível no trato com temas que por vezes podem ser deixados de serem trabalhados em sala de aula por receio das pressões sociais como citado pelo educador, como a relação com as minorias ou a promoção da representatividade em sala de aula. Além do mais, o pressuposto apresentado na própria questão deixa claro a necessidade de trabalhar com os temas.

A questão quatro do questionário buscou compreender se os professores percebiam a liberdade de cátedra (assegurada por lei) ameaçada no modelo híbrido.

Pergunta 4 do questionário: No atual modelo de ensino (híbrido/remoto) em que a escola foi transferida para a casa dos estudantes, em um momento em que

todas as informações são gravadas e têm possibilidade de ser amplamente divulgada. Como você percebe a liberdade de cátedra e a aplicação de uma metodologia coerente com o que está disposto nos documentos oficiais da Companhia de Jesus?

Dois professores demonstram maior preocupação na seguridade de sua liberdade de cátedra, enquanto os outros dois estão mais “tranquilos” referentes a isso, tendo como referência a série que leciona³⁵ ou então a utilização da “defesa” das aulas estarem pautadas nos estudos científicos. Podemos compreender a palavra “defesa” como uma resposta a visão de que a liberdade de cátedra não está totalmente segura.

É alegado também a sensação de estar fazendo algo de errado “estar inserindo conteúdos subversivos ou ofensivos à ordem estabelecida”, é relatado que os conteúdos não são desapropriados, muito menos ofensivos ou subversivos, pois estão defendidos no próprio PEC:

‘O desafio de articular a fé e a justiça nos leva a considerar, no espaço escolar, os temas referentes a gênero, diversidade sexual e religiosa, novos modelos de família, questões étnico-raciais, elementos referentes a cultura indígena, África e afro-brasileira no Brasil e todos os temas similares relacionados a categorias ou grupos sociais que sofrem discriminação violência e injustiça.’³⁶

No entanto, o educador relata que devido ao momento em que estamos passando, é como se uma paranoia tivesse sido gerada por conta da pressão em cima da docência. Um dos entrevistados afirma que: “vejo as pressões externas como forças centrais neste “atentado” à nossa liberdade, nosso currículo e nossa proposta pedagógica evangelizadora.”³⁷

Além de acreditarem que a liberdade está sendo atentada, também foi citado que o receio não está no conteúdo ou nas discussões realizadas em sala de aula, mas, no modelo (híbrido) devido ao fato de terem gravações, e, essas podem ser retiradas de contexto ou então recortadas, podendo gerar uma comoção desnecessária em cima de uma fala que ao ser tirada de contexto não condiz com a realidade que foi trabalhada em sala de aula.

Segue as respostas no formato *ipsis litteris* para conhecimento e análise:

³⁵ O/A educador(a) descreve que leciona para o 3º ano do Ensino Médio.

³⁶ PEC – Parágrafo 22. Pág. 36

³⁷ Educador(a) – a.

a) “Percebo a liberdade como sendo posta/estando em risco. Nossa proposta pedagógica, bem como nossas metodologias, ferramentas e procedimentos sendo constantemente colocados à prova – e o pior, por grupos minoritários extremados com ampla capacidade de se fazerem ouvir. A impressão que tenho, muitas vezes, é a de que em minhas discussões/exposições “normais” estou inserindo clandestinamente conteúdos subversivos ou ofensivos à ordem estabelecida – quando estes, em verdade, não suscitavam estranhamento em anos anteriores (aliás, faziam parte da cultura do Medianeira e de seu repertório educacional). Talvez tal impressão seja fruto de uma espécie de paranoia gerada por conta da pressão sobre a docência e a Educação nestes últimos anos (de acirramento de debate/polarização política). Da parte da instituição, claro, não sinto “vigilância”, “policiamento” ou qualquer forma de ação que vise barrar ou vetar tais discussões, tópicos e assuntos; elas permanecem pauta permanente e compartilhada pelo quadro de docentes. Reforçando a questão 01 deste documento, vejo as pressões externas como forças centrais neste “atentado” à nossa liberdade, nosso currículo e nossa proposta pedagógica evangelizadora.”

b) “Certamente há diferença quanto aos encaminhamentos realizados no modelo presencial e no remoto. Não porque estratégias doutrinadoras ou descomprometidas com uma educação que se pretenda libertadora são realizadas no presencial. O fato é que no modelo híbrido/remoto é possível recortar/distorcer o que é dito (através da edição de vídeo), de forma a enquadrar o professor em um determinado campo.”

c) “Assim como na resposta 3, o que nós utilizamos como “defesa” de todas as nossas aulas serem gravadas e

transmitidas é a autoridade acadêmica, calcada em nossos estudos e na cientificidade.”

d) “Como trabalho apenas no 3º ano do EM, tenho maior facilidade e menor preocupação em tratar de assuntos polêmicos. Claro que não levanto bandeira tão abertamente, né! Mas, como disse anteriormente, não escondo meu posicionamento político e não faço propaganda de convencimento. A única rede social que utilizo é o Instagram e não faço nenhum segredo sobre o que penso. Inclusive, alguns pais de alunos me seguem...Mas, concordo e defendo as ideias dispostas nos documentos oficiais da Companhia de Jesus, como o pressuposto 22 do PEC.”

Diante das respostas coletadas é perceptível a compreensão dos educadores no que se confere ao fazer educação numa instituição jesuíta, eles citam os pressupostos do PEC no que tange o trabalho para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária. Compreendem a necessidade de trabalhar com temas que são norteadores dos problemas sociais, temas esses, que relatam serem “menos trabalhados”, devido o receio atual frente as pressões ideológicas. A compreensão da Pedagogia Inaciana dentro de sala e os referenciais encontrados nos documentos iniciais da Companhia de Jesus, que explicitam a necessidade de a educação jesuíta ser libertadora³⁸, são perceptíveis na escrita apresentada no questionário. No entanto, nos relatos coletados, percebe-se que essa liberdade nem sempre é trabalhada dentro de sala com a ênfase que os educadores ansiavam, carecido ao receio frente a possíveis leituras errôneas ou equivocadas anverso suas análises quando tiradas de contexto.

Note-se, nenhum educador fala da necessidade ou da preocupação em ministrar temas que são arbitrários a indigência de uma educação pautada no bem comum, ou, da falta de trabalhar em sala com apenas uma visão referente aos acontecimentos. O que percebemos, são que os educadores sentem que a pressão, e, a não compreensão da sociedade em assuntos que são necessários para coletividade que almejamos, fazem com que conteúdos tidos como importantes não

³⁸ Características da Educação na Companhia de Jesus, 1996. – Vide nota 2 de rodapé.

sejam trabalhados com a efetividade necessária, esses, auxiliariam na promoção da mudança que se almeja na sociedade.

Cabe-nos aqui uma reflexão, a partir da indagação feita por Fernando Guidini na abertura do ano acadêmico de 2017 do Colégio Nossa Senhora Medianeira, na qual ele nos provoca “Que sujeito queremos formar???”. Eu, agora pergunto... Caso esse receio continue, formaremos? A resposta é sim! Pois, além do receio nas respostas, percebemos educadores(as) que não deixam de trabalhar com a sua missão de desenvolver indivíduos para os demais, o que percebemos, é um cuidado e uma preocupação de como esses conteúdos são vistos ou ministrados, mas a Ciência Histórica, bem como os pressupostos do PEC e da Pedagogia Inaciana estão vivos na atuação de cada um dentro de sua práxis. Más... não como gostariam.

No capítulo a seguir, demonstraremos como os educadores de História do Ensino Fundamental II e Médio do Colégio Nossa Senhora Medianeira percebem, ou não, as pressões sociais e ideológicas na sua práxis.

CAPÍTULO III - A PRÁTICA DO COMPONENTE DE HISTÓRIA COM AS PRESSÕES EXTERNAS.

Para nortearmos as análises desse capítulo, usaremos as questões 1 (um) e 3 (três) do questionário, as quais, apresentavam como finalidade saber se os educadores de História do Ensino Fundamental II e Médio do Colégio Nossa Senhora Medianeira, percebem as pressões sociais e ideológicas na sua práxis, ou, se não as sentem. Da mesma forma que no capítulo anterior, após uma breve elucidação frente as respostas, as mesmas serão colocadas no formato *Ipsis Litteris*, para apreciação e análise.

Pergunta 1 do questionário: A perspectiva antropológica da Pedagogia Inaciana é formar o ser humano integralmente, atingindo a “excelência humana e acadêmica”. Para você, as pressões externas (do Mercado, das famílias, do contexto sociopolítico) acabam prejudicando ou influenciando positivamente nesse processo formativo do componente de História? De que forma?

Todos os educadores responderam que as famílias interferem no processo formativo, destes, um relata que a interferência é positiva por parte das famílias.

Descrevem que o contexto macro faz parte da formação dos estudantes, e, novamente como na análise feita no capítulo anterior, percebe-se preocupação em trabalhar assuntos que são tocantes no que cerne a formação humana dos estudantes, formação esta, central na educação jesuíta.

A falta de entendimento político no âmbito familiar aparece como um “problema” a ser levado em conta no trabalhado em sala de aula, pois devido à essa falta de conhecimento alguns assuntos trabalhados são tidos como inapropriados por parte das famílias. Compreende-se como falta de formação política, aquele que não se preocupa em saber a realidade dos fatos, disseminando informações não reais, possibilitando o alastramento de comiserações preconceituosas referentes a assuntos que serão/são trabalhados no componente. Por vezes, essa falta de conhecimento ao ser passado em casa para os estudantes, faz com que discussões sejam fomentadas com viés contrário ao trabalhado em sala, gerando angústia no trato com novos conteúdos e dificultando a aceitação de outros estudantes frente as reflexões que levem em conta questões sociais.

A ideia de “doutrinadores” aparece nas respostas com a veste de “ideólogos por uma determinada causa”. É de suma importância que haja uma coerência ideológica entre o trabalho realizado em sala de aula com os pressupostos pautados nos documentos da Companhia de Jesus, buscando a formação de sujeitos atuantes na sociedade na tentativa de promover a justiça socioambiental³⁹, desenvolvendo a liderança inaciana. Para que isso ocorra, o Status Quo é criticado/questionado, gerando desconforto para aqueles que são privilegiados socialmente.

A importância de a ciência histórica estar em contato com a atualidade com o “mundo exterior” também apareceu nos relatos, demonstrando o cuidado dos educadores em relacionarem os processos históricos com o tempo presente, permitem que o(a) estudante compreenda a necessidade de se estudar o componente. Também apareceu nos relatos a necessidade de filtros frente as “visões negacionistas, que promovam o ódio e a violência”⁴⁰ que por vezes, são trazidas do âmbito familiar.

Segue as respostas no formato *ipsis litteris* para conhecimento e análise:

Respostas:

³⁹ O ser MAGIS – “Mais e melhor para o outro”.

⁴⁰ Retirado do questionário. Educador(a) – letra correspondente: “c”.

a) “Observo um prejuízo no tocante às abordagens e discussões realizadas em sala; considerando o acirramento de posições político-ideológicas em nosso contexto, é notável o modo como assuntos abordados e discutidos com tranquilidade (há poucos anos) junto aos alunos - como as desigualdades de gênero, trabalho, sociedade e participação política – hoje já não possuem a mesma abertura para diálogo. A disputa política nacional, recebida pelas famílias (muitas delas sem uma FORMAÇÃO POLÍTICA), resvala aos estudantes. Estes, com ideias e posicionamentos pré-concebidos (especialmente no ambiente familiar) olham com estranhamento – e as vezes, até mesmo asco – alguns tópicos importantes no que tange à formação humana proposta pelo Colégio. Quando as famílias tomam ciência/conhecimento destas discussões, fomentam em alguns estudantes discussões que contrariam as noções trabalhadas em sala, além de gerarem uma certa apreensão em relação aos próximos passos a serem tomados no encaminhamento dos conteúdos, bem como sua recepção por parte dos estudantes.”

b) “Eu diria que sim. Na medida em que a formação humana passa pelo despertar os alunos para uma análise crítica da realidade, seguida de proposições para um “outro mundo”; somos vistos como ideólogos de uma determinada causa. Isso acaba por restringir as nossas ações pedagógicas, engessando e empobrecendo o processo de ensino-aprendizagem.”

c) “O processo de aprendizagem escolar ele é fruto de um contexto formado por diferentes grupos, incluindo aqueles externos a sala de aula, como as famílias, a comunidade escolar e a realidade sócio-político macro. Pensar que suas demandas e pressões poderiam não interferir na educação seria impossível, uma vez que produzem de forma dialógica a aprendizagem de crianças e jovens. No caso de História, essa

comunicação constante com “o mundo externo” é fundamental, como em todas as ciências humanas, sendo necessário filtrar as influências destrutivas, como discursos negacionistas, que promovem o ódio e a violência.”

d) “A disciplina de história, por si só, já é formadora de opinião. E no colégio sempre foi trabalhada dentro de uma visão crítica. No meu caso, especificamente, não deixei de trabalhá-la dessa forma, independente de pressões externas ou de visões políticas. Procuo sempre passar uma visão crítica, em todos os âmbitos: político, econômico e social. Para mim, influenciou positivamente.”

Compreende-se que a disciplina de História traz por escopo a formação de indivíduos críticos e atuantes na sociedade, sendo responsável também pelo trabalho em sala dos 5cs⁴¹ na formação integral do sujeito⁴². A criticidade, elemento central no componente de História está diretamente ligada a formação integral, relacionando-se no desenvolvimento das dimensões, sociopolítica e ética. Desenvolve-se no componente o olhar cuidadoso e crítico sobre a realidade do outro, para que, o cuidado e a preocupação referentes as veracidades que por vezes não lhes passam, estejam presentes em ações futuras, baseando-se no modo inaciano de proceder. No entanto, para desenvolver a habilidade de análise tendo a sua preocupação no outro, é necessário olharmos pela janela⁴³, para isso, voltamos ao conceito trabalhado no capítulo anterior, a alteridade. A educação jesuíta pauta-se no cuidado com o outro, criticar a sociedade atual mesmo estando numa posição de conforto, nada mais é que ver além de suas próprias vivências.

A próxima pergunta do questionário que será analisada, visou compreender que estratégias os educadores utilizam para trabalhar conteúdos que são imprescindíveis para o componente (como a alteridade), mas que podem gerar questionamento ou desconforto.

Pergunta 3 do questionário: Qual ou quais estratégias você utiliza na sua práxis para trabalhar conteúdos que você acha que podem gerar algum tipo de questionamento por parte das famílias?

⁴¹ Consciente, Compassivo, Comprometido, Competente e Criativo.

⁴² Vide nota 13.

⁴³ Referência a fala do P. Roberto Barros, S J. “Cuidar é uma decisão ética e espiritual”. 2021.

A utilização de fontes históricas, bem como notícias recentes fazem parte das estratégias utilizadas pelos educadores na tentativa de legitimarem a fala em sala. Amparar-se no Livro Didático também mostrou um bom caminho para não pressuporem que o trabalho em sala de aula é a opinião do(a) educador(a), demonstrando a importância de a sociedade compreender que a História é uma ciência, e, como tal, possui um método científico.

Nota-se que o cuidado com a estratégia está presente nos relatos, percebemos também, que o trabalho em tornar o estudante o centro do processo encontra-se nas respostas coletadas, sendo por meio da compreensão da atualidade, ou, por meio das análises de jornais. A inserção de debates nas aulas, onde eles desenvolvem a aprendizagem, desenvolvendo também a importância do momento da escuta e reflexão. Os educadores deixaram claro que a participação dos estudantes nas discussões/debates em sala é valorizada, escrevendo que existe a mediação/interferência, quando este fere o direito do próximo ou no trato de assuntos que são inconcebíveis. Ex. Preconceito/ Discriminação.

Segue as respostas no formato *ipsis litteris* para conhecimento e análise:

a) “Utilizo sempre como ponto base de discussão as fontes históricas, justamente para dar um embasamento a estas discussões e assim, fomentá-las utilizando a análise via método científico. Outro caminho que me valho é o de comparar/relacionar contextos históricos por meio das discussões conduzidas em sala – o uso das “pontes passado-presente”. Aqui, tanto o livro didático quanto textos complementares são instrumentos incluídos na exposição do conteúdo curricular, ampliando, portanto, os assuntos debatidos (e claro, fazendo valer as propostas educacionais as quais nos pautamos).”

b) “Problematizando um tema e abrindo para discussão dos estudantes. Os posicionamentos menos comprometidos com as ideias de uma sociedade mais igualitária e justa, acabam sendo rebatidos pelos posicionamentos dos estudantes mais alinhados com os pressupostos do colégio. Interferências/questionamentos/proposições são feitas por parte do professor apenas quando são proferidos discursos

de ódio ou de clara violações aos Direitos Humanos.

Ou seja, quando posicionamentos radicais são colocados.”

c) “É fundamental se utilizar da liberdade de cátedra e se apoiar na legitimidade acadêmica que temos para discutir assuntos em nosso currículo obrigatório. Se um conteúdo específico está presente em livro didático e na base pode ser visto em sala calcado em sua cientificidade. Além disso, é muito importante dar a voz para os estudantes se expressarem, opinarem e problematizarem, sendo que os caminhos para as respostas passam não pela especulação ou opiniões particulares, mas a historicidade, as discussões acadêmicas (adaptadas para a idade) e a lógica.”

d) “Através de alguma notícia polêmica, atual, buscando a participação crítica dos estudantes, mostrando a necessidade de serem discutidas, independentes de posicionamentos que possam causar questionamentos.

- Quando são assuntos que tratam de direitos humanos, de discriminação racial ou social, de gênero, procuro enfatizar o direito às escolhas pessoais e que não nos cabe julgar.”

Novamente, ao ler a respostas coletadas, percebemos a preocupação na formação integral do sujeito, permitindo que esteja no centro do processo. Levando em conta os documentos que norteiam a educação jesuíta, a diversificação das estratégias e o cuidado em trabalhar assuntos que são necessários para a educação que almejamos está de acordo com o papel do professor, “como alguém cuja função não é a de meramente informar, mas de ajudar o estudante em seu progresso rumo a verdade”⁴⁴

Aspectos importantes da Pedagogia Inaciana como o Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI) o qual consiste na Reflexão, Experiência e Ação, estão presentes nos relatos. Ao permitir que os estudantes participem de estratégias que envolvem o coletivo, como os debates ou discussões, são trabalhados aspectos do PPI, pois a estratégia consiste num processo reflexivo sobre o que se está falando ou escutando,

⁴⁴ PEDAGOGIA INACIANA – Uma proposta prática, 7ª ed. 2008. Pg.34

o cuidado em trabalhar os conteúdos com estratégias diversificadas permite que a experiência aconteça, pois para Santo Inácio a experiência está no “saborear as coisas internamente”⁴⁵, e a ação dessas estratégias consiste na atuação justa e fraterna dos nossos estudantes para os demais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação jesuíta está presente no Brasil desde ano de 1549, quando foi desembarcado o primeiro grupo de Jesuítas, na liderança de Pe. Manoel da Nobrega. Desde então, houve evoluções constantes no fazer educação, na produção de documentos preocupados com o desenvolvimento dos indivíduos que se busca formar, da *Ratio Studiorum* (1599) ao PEC (2021). No caminhar, encontraram divergências, como a causada por Marquês de Pombal que determinou a expulsão dos jesuítas no ano de 1759, estes, retornaram ao Brasil somente oitenta e dois anos após a expulsão, em 1841, continuando assim, a missão de fazer educação no território brasileiro.

A evolução na educação pode ser vista na Pedagogia Inaciana, documento que transpõe os ensinamentos de Santo Inaciano de Loyola para as práticas pedagógicas, compreendendo o contexto, refletindo e agindo, tendo o exemplo de Cristo, buscando sempre o discernimento para o desenvolvimento de uma sociedade fraterna.

No entanto, os princípios que são caros às instituições jesuítas nem sempre estão caminhando com o que algumas famílias almejam, pois não se pretende formar estudantes apenas para as avaliações externas⁴⁶, procura-se desenvolver todas as dimensões do indivíduo, pautando-se numa educação evangelizadora, sendo mais para os demais (MAGIS). A educação jesuíta é transformadora e necessária, ela direciona e se preocupa com uma sociedade justa e igualitária, é uma educação libertadora, pregando o direito a todos, muitas vezes colocando em xeque as estruturas sociais que são mantenedoras de uma sociedade desigual e injusta.

O desenvolvimento frente a uma educação pautada na justiça socioambiental, continua dentro da Companhia de Jesus, e o componente de História é central na formação dos estudantes, considerando a consciência crítica e desenvolvendo a

⁴⁵ Idem. Pg49.

⁴⁶ PEC – Página 37.

alteridade, conceito central para que se permita olhar além de suas vivências, abalando por vezes o *Status Quo*.

No nosso trabalho, ficou evidente a preocupação dos educadores de História do Fundamental II e Médio, em lecionar conteúdos que desenvolvam a criticidade e consciência de seus estudantes, mesmo que alguns conteúdos possam ser taxados de “polêmicos”, por tratarem de assuntos reflexivos ou que envolvem a política atual (sabemos como a polarização está forte). Os educadores não sentem censura da instituição frente aos conteúdos, esclarecendo que o que existe na realidade é uma autocensura frente ao contexto.

O fato de as aulas serem gravadas também é motivo de receio, não devido ao trato dos educadores com os estudantes, mas é possível que as informações de determinados teores saiam de contexto, permitindo interpretações errôneas. Mesmo assim, assuntos necessários para o desenvolvimento dos estudantes são trabalhados em sala, utilizando-se de estratégias distintas e que forneçam segurança para os educadores. Por vezes, baseando-se em fontes, nos materiais didáticos, incentivando a pesquisa e a busca por respostas nos próprios locais de consulta, são estratégias que permitem que o foco saia do educador e os estudantes sejam o centro, de aprender, de pesquisar e sistematizar.

Mesmo que receios estejam presentes na prática dos educadores devido ao contexto, as respostas no nosso questionário demonstram que não devemos temer, mas ter coragem, coragem de continuar fazendo jus a uma educação transformadora. O fazer educação não precisa ser barulhento, mas corajoso:

‘A coragem não está somente em fazer barulho, mas também em saber fazê-lo e saber quando fazê-lo e como fazê-lo. E, de fato, antes de qualquer coisa, deve-se discernir se se deve fazer barulho ou não. A coragem é constitutiva de qualquer ação apostólica. E, hoje mais do que nunca, é necessário ter coragem e audácia profética.’ (PAPA FRANCISCO 2016)⁴⁷

Além de utilizar estratégias que gerem segurança, os educadores precisam trabalhar o contexto, pois deixar de debater o agora é deixar de atuar em prol de uma educação formativa, pois aproximar o conteúdo com a realidade dos estudantes, permite que o ensino não seja distanciado.

Para que o processo educativo se concretize dentro do que se espera de uma educação jesuíta, é de suma importância que as famílias saibam dos documentos que

⁴⁷ Fala do Santo Padre na 36ª Congregação Geral.

norteiam o fazer educação na instituição, e, é importante que cada educador dentro de sala de aula saiba que o fazer educação com qualidade é um ato de amor, pois: 'O Amor consiste mais em obras do que em palavras'⁴⁸.

⁴⁸ Santo Inacio de Loyola – Exercícios Espirituais 230.

REFERÊNCIAS

- BLOCH, Marc Leopold Benjamin, “**Apologia da História, ou, O ofício do Historiador**” Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- Características da Educação na Companhia de Jesus.** São Paulo: Loyola (Col. Documenta S.J. -4), 1989.
- Comissão Internacional para o Apostolado da Educação da Companhia de Jesus - ICAJE (2019). **Colégios jesuítas: uma tradição viva no século XXI.** Roma, Itália.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.
- _____. **Educação como prática da liberdade.** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. **Pedagogia do oprimido.** 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GUIDINI, F.. **Educação jesuítica e teoria da complexidade: relações e práticas na formação de professores.** 1ª. ed. c: Appris, 2017. v. 1.
- KOLVENBACH, Peter-Hans. Carta do Padre Geral a todos os Superiores Maiores da Companhia de Jesus. In: **Características da Educação na Companhia de Jesus.** São Paulo: Loyola, 1989.
- HOBSBAWN, Eric J. **Sobre história.** Tradução Cid Knipel Moreira – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Compreendendo a deficiência mental – Novos caminhos educacionais.** São Paulo: Ed Scipione. 1989.
- NIETZSCHE, F. **Segunda Consideração Intempestiva.:** Da utilidade e desvantagem da História para a Vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003
- PAN, Mariza. Quando avaliamos para fazer ou por uma prática que faça a diferença. In: BOZZA, Sandra. **Avaliação e Aprendizagem: Entre o pensar e o fazer.** Editora Melo, 2011.
- PEDAGOGIA INACIANA. Uma proposta prática. 7.ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- PIMENTEL, Susana Couto. **Conviver com a Síndrome de Down em escola inclusiva: mediação pedagógica e formação de conceitos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação Básica: 2021-2025. –1.** Ed. – São Paulo: Rede Jesuíta de Educação, 2021.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

RÜSEN, Jörn. Experiência, interpretação, orientação: as três dimensões da aprendizagem histórica. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora, BARCA, Isabel e MARTINS, Estevão de Rezende (org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Editora da UFPR, 2010.

SANTO INÁCIO DE LOYOLA. Escritos de Santo Inácio: **Exercícios Espirituais**. Tradução R. Paiva.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Aforamento, 2010.

_____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. In: _____ (Org.). **Conhecimento Prudente para uma Vida Decente**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma pedagogia do conflito**. In: SILVA, Luiz Heron Da; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edmilson Santos dos. (Orgs.) **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. Sulina: Porto Alegre, 1996.

SCHMIDT, Auxiliadora. BARCA, Isabel. **Aprender História: perspectivas da educação histórica**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

SCHNEIDER, Stéphanie. **Blog Pense Alteridade**. 2013. Disponível em: <<http://pensealteridade.blogspot.com.br/2011/11/aceitacao-de-uma-crianca-com-sindrome.html>>. Acesso em 28 de julho 21.

VASCONCELOS, José Antonio. **Metodologia do Ensino de História**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

VÁSQUEZ TAPPIA, Alberto (ORGANIZAÇÃO); **Dez anos das características da educação jesuíta**. Tradução de Andrea Cecilia Ramal – São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1998. 168P. –

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS EDUCADORES

QUESTIONÁRIO

PÓS: EDUCAÇÃO JESUÍTICA.

Érica Margas Cima.

- 1- A perspectiva antropológica da Pedagogia Inaciana é formar o ser humano integralmente, atingindo a “excelência humana e acadêmica”. Para você, as pressões externas (do Mercado, das famílias, do contexto sociopolítico) acabam prejudicando ou influenciando positivamente nesse processo formativo do componente de História? De que forma?

- 2- “O desafio de articular a fé e justiça nos leva a considerar, no espaço escolar, os temas referentes a gênero, diversidade sexual e religiosa, novos modelos de família, questões étnico-raciais, elementos referentes às culturas indígena, africanas e afrobrasileiras no Brasil e todos os temas similares relacionados a categorias ou grupos que sofrem discriminação, violência e injustiça”. PEC – pressuposto 22.

Ao lermos o pressuposto 22 do PEC percebemos que assuntos voltados para a dimensão política, econômica e social devem ser trabalhados, deste modo, acredita-se que o estudante tenha acesso a um “currículo evangelizador” preparando-o, assim, para se tornar autônomo socialmente, voltando-se para o bem-comum. Você enquanto professor(a) deixou de trabalhar e/ou abordar nos últimos três anos algum tema ou temática que acha pertinente devido a receios ou pressões sociais de caráter ideológico?

- 3- Qual ou quais estratégias você utiliza na sua práxis para trabalhar conteúdos que você acha que podem gerar algum tipo de questionamento por parte das famílias?

- 4- No atual modelo de ensino (híbrido/remoto) em que a escola foi transferida para a casa dos estudantes, em um momento em que todas as informações são gravadas e têm possibilidade de ser amplamente divulgada. Como você percebe

a liberdade de cátedra⁴⁹ e a aplicação de uma metodologia coerente com o que está disposto nos documentos oficiais da Companhia de Jesus.

APÊNDICE B – RESPOSTAS OBTIDAS DIVIDIDAS NAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

As respostas encontram-se no formato *Ipsis Litteris*.

<p>Categoria de Análise: Nortear a relação do componente de História com as pressões externas.</p>
<p>Pergunta 1: A perspectiva antropológica da Pedagogia Inaciana é formar o ser humano integralmente, atingindo a “excelência humana e acadêmica”. Para você, as pressões externas (do Mercado, das famílias, do contexto sociopolítico) acabam prejudicando ou influenciando positivamente nesse processo formativo do componente de História? De que forma?</p>
<p>Respostas:</p> <p>e) “Observo um prejuízo no tocante às abordagens e discussões realizadas em sala; considerando o acirramento de posições político-ideológicas em nosso contexto, é notável o modo como assuntos abordados e discutidos com tranquilidade (há poucos anos) junto aos alunos - como as desigualdades de gênero, trabalho, sociedade e participação política – hoje já não possuem a mesma abertura para diálogo. A disputa política nacional, recebida pelas famílias (muitas delas sem uma FORMAÇÃO POLÍTICA), resvala aos estudantes. Estes, com ideias e posicionamentos pré-concebidos (especialmente no ambiente familiar) olham com estranhamento – e as vezes, até mesmo asco – alguns tópicos importantes no que tange à formação humana proposta pelo Colégio. Quando as famílias tomam ciência/conhecimento destas discussões, fomentam em alguns estudantes discussões que contrariam</p>

⁴⁹ Constituição Federal (art. 206) - Lei de Diretrizes e Bases da Educação (art. 2º, incisos II, III, IV, XI e XII)

as noções trabalhadas em sala, além de gerarem uma certa apreensão em relação aos próximos passos a serem tomados no encaminhamento dos conteúdos, bem como sua recepção por parte dos estudantes.”

- f) “Eu diria que sim. Na medida em que a formação humana passa pelo despertar os alunos para uma análise crítica da realidade, seguida de proposições para um “outro mundo”; somos vistos como ideólogos de uma determinada causa. Isso acaba por restringir as nossas ações pedagógicas, engessando e empobrecendo o processo de ensino-aprendizagem.”
- g) “O processo de aprendizagem escolar ele é fruto de um contexto formado por diferentes grupos, incluindo aqueles externos a sala de aula, como as famílias, a comunidade escolar e a realidade sócio-político macro. Pensar que suas demandas e pressões poderiam não interferir na educação seria impossível, uma vez que produzem de forma dialógica a aprendizagem de crianças e jovens. No caso de História, essa comunicação constante com “o mundo externo” é fundamental, como em todas as ciências humanas, sendo necessário filtrar as influências destrutivas, como discursos negacionistas, que promovem o ódio e a violência.”
- h) “A disciplina de história, por si só, já é formadora de opinião. E no colégio sempre foi trabalhada dentro de uma visão crítica. No meu caso, especificamente, não deixei de trabalhá-la dessa forma, independente de pressões externas ou de visões políticas. Procuro sempre passar uma visão crítica, em todos os âmbitos: político, econômico e social. Para mim, influenciou positivamente.”

Pergunta 3: Qual ou quais estratégias você utiliza na sua práxis para trabalhar conteúdos que você acha que podem gerar algum tipo de questionamento por parte das famílias?

Respostas:

- e) “Utilizo sempre como ponto base de discussão as fontes históricas, justamente para dar um embasamento a estas discussões e assim, fomentá-las utilizando a análise via método científico. Outro caminho que

me valho é o de comparar/relacionar contextos históricos por meio das discussões conduzidas em sala – o uso das “pontes passado-presente”. Aqui, tanto o livro didático quanto textos complementares são instrumentos incluídos na exposição do conteúdo curricular, ampliando, portanto, os assuntos debatidos (e claro, fazendo valer as propostas educacionais as quais nos pautamos).”

- f)** “Problematizando um tema e abrindo para discussão dos estudantes. Os posicionamentos menos comprometidos com as ideias de uma sociedade mais igualitária e justa, acabam sendo rebatidos pelos posicionamentos dos estudantes mais alinhados com os pressupostos do colégio. Interferências/questionamentos/proposições são feitas por parte do professor apenas quando são proferidos discursos de ódio ou de clara violações aos Direitos Humanos. Ou seja, quando posicionamentos radicais são colocados.”
- g)** “É fundamental se utilizar da liberdade de cátedra e se apoiar na legitimidade acadêmica que temos para discutir assuntos em nosso currículo obrigatório. Se um conteúdo específico está presente em livro didático e na base pode ser visto em sala calcado em sua cientificidade. Além disso, é muito importante dar a voz para os estudantes se expressarem, opinarem e problematizarem, sendo que os caminhos para as respostas passam não pela especulação ou opiniões particulares, mas a historicidade, as discussões acadêmicas (adaptadas para a idade) e a lógica.”
- h)** “Através de alguma notícia polêmica, atual, buscando a participação crítica dos estudantes, mostrando a necessidade de serem discutidas, independentes de posicionamentos que possam causar questionamentos.

- Quando são assuntos que tratam de direitos humanos, de discriminação racial ou social, de gênero, procuro enfatizar o direito às escolhas pessoais e que não nos cabe julgar.”

Categoria de Análise: Como foi inserido pelos educadores a Pedagogia Inaciana e os pressupostos do PEC na Práxis.

Pergunta 2: “O desafio de articular a fé e justiça nos leva a considerar, no espaço escolar, os temas referentes a gênero, diversidade sexual e religiosa, novos modelos de família, questões étnico-raciais, elementos referentes às culturas indígena, africanas e afro-brasileiras no Brasil e todos os temas similares relacionados a categorias ou grupos que sofrem discriminação, violência e injustiça”. PEC – pressuposto 22.

Ao lermos o pressuposto 22 do PEC percebemos que assuntos voltados para a dimensão política, econômica e social devem ser trabalhados, deste modo, acredita-se que o estudante tenha acesso a um “currículo evangelizador” preparando-o, assim, para se tornar autônomo socialmente, voltando-se para o bem-comum.

Você enquanto professor(a) deixou de trabalhar e/ou abordar nos últimos três anos algum tema ou temática que acha pertinente devido a receios ou pressões sociais de caráter ideológico?

Respostas:

- e) “Não cheguei a deixar de trabalhar, porém, reduzi consideravelmente algumas das discussões que antes mobilizavam momentos significativos das aulas. Além das reações dos estudantes/famílias, me parece que a própria construção curricular (composta/influenciada pelo contexto socio-político) tende a minimizar o espaço de assuntos fundamentais para um currículo mais inclusivo – seguindo, sobretudo, a lógica de um currículo evangelizador.”
- f) “Alguns dos temas, em momentos pontuais, sim. Em outros momentos os temas foram trabalhados de forma parcial. Todavia, também existiram situações em que os temas foram abertamente discutidos.”
- g) “Um dos resultados do contexto político dos últimos anos foi a pressão de certos grupos da sociedade para que alguns conteúdos do currículo de História fossem vistos por grupos da sociedade como ‘negativos’, ‘ruins’ e ‘desnecessários’. Como consequência, infelizmente, os professores em

certos momentos agiram com autocensura, querendo evitar conflitos com famílias e até mesmo a exposição de seu trabalho publicamente. Quase que de forma inconsciente, discussões necessárias ligadas ao trabalho, ao combate ao autoritarismo, a formação do pensamento político de esquerda, a inclusão de minorias e promoção da representatividade, foram suprimidos ou diminuídos, vistos sem amplas discussões, como ferramenta de preservação dos professores. Não tivemos censura institucionalizada, como nos anos 70 no Brasil, nem pressão da escola, porém o contexto agressivo fez com quem muito de nós passassem os últimos anos intimidados em sua ação escolar.”

- h) “De forma nenhuma. Mesmo porque, lecionando no 3º ano do EM, preciso trabalhar conteúdos atuais, pois são assuntos recorrentes em vestibulares e no ENEM (bem, esse, nos últimos 2 anos ficou bem morno, no que se refere a esses assuntos...). Também sempre deixei clara minha posição política, respeitando outras diferentes da minha. Mas procuro sempre abordar assuntos delicados, deixando claro que não podemos aceitar ou defender qualquer violação dos direitos humanos e do respeito ao próximo. Enfatizo também que determinados valores nos são muito caros e não podemos abrir mão dos mesmos.”

Pergunta 4: No atual modelo de ensino (híbrido/remoto) em que a escola foi transferida para a casa dos estudantes, em um momento em que todas as informações são gravadas e têm possibilidade de ser amplamente divulgada. Como você percebe a liberdade de cátedra e a aplicação de uma metodologia coerente com o que está disposto nos documentos oficiais da Companhia de Jesus?

Respostas:

- e) “Percebo a liberdade como sendo posta/estando em risco. Nossa proposta pedagógica, bem como nossas metodologias, ferramentas e procedimentos sendo constantemente colocados à prova – e o pior, por grupos minoritários extremados com ampla capacidade de se fazerem ouvir. A impressão que tenho, muitas vezes, é a de que em minhas discussões/exposições “normais” estou inserindo clandestinamente

conteúdos subversivos ou ofensivos à ordem estabelecida – quando estes, em verdade, não suscitavam estranhamento em anos anteriores (aliás, faziam parte da cultura do Medianeira e de seu repertório educacional). Talvez tal impressão seja fruto de uma espécie de paranoia gerada por conta da pressão sobre a docência e a Educação nestes últimos anos (de acirramento de debate/polarização política). Da parte da instituição, claro, não sinto “vigilância”, “policiamento” ou qualquer forma de ação que vise barrar ou vetar tais discussões, tópicos e assuntos; elas permanecem pauta permanente e compartilhada pelo quadro de docentes. Reforçando a questão 01 deste documento, vejo as pressões externas como forças centrais neste “atentado” à nossa liberdade, nosso currículo e nossa proposta pedagógica evangelizadora.”

- f)** “Certamente há diferença quanto aos encaminhamentos realizados no modelo presencial e no remoto. Não porque estratégias doutrinadoras ou descomprometidas com uma educação que se pretenda libertadora são realizadas no presencial. O fato é que no modelo híbrido/remoto é possível recortar/distorcer o que é dito (através da edição de vídeo), de forma a enquadrar o professor em um determinado campo.”
- g)** “Assim como na resposta 3, o que nós utilizamos como “defesa” de todas as nossas aulas serem gravadas e transmitidas é a autoridade acadêmica, calcada em nossos estudos e na cientificidade.”
- h)** “Como trabalho apenas no 3º ano do EM, tenho maior facilidade e menor preocupação em tratar de assuntos polêmicos. Claro que não levanto bandeira tão abertamente, né! Mas, como disse anteriormente, não escondo meu posicionamento político e não faço propaganda de convencimento. A única rede social que utilizo é o Instagram e não faço nenhum segredo sobre o que penso. Inclusive, alguns pais de alunos me seguem...Mas, concordo e defendo as ideias dispostas nos documentos oficiais da Companhia de Jesus, como o pressuposto 22 do PEC.”

